



CARTOGRAFIAS E SUAS MULTIPLICIDADES: PERCURSOS METODOLÓGICOS DISRUPTIVOS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO E/EM DIVERSIDADE

Maria Clara Fortes

UNEB

mariclaire.26@gmail.com

Ana Lúcia Gomes da Silva

UNEB

analucias12@gmail.com

Elcimar Lima

UFBA

elcimarlima2023@gmail.com

Resumo

O grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA/UNEB) vem desenvolvendo, em diversas de suas investigações, abordagens metodológicas que incorporam a cartografia como método de pesquisa. Inspirado nos conceitos filosóficos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, especialmente na obra *Mil Platôs* (1996), o grupo compreende a cartografia não apenas como um método, mas como um modo de acompanhar processos, fluxos e movimentos de produção da subjetividade, dos desejos e das forças sociais. Este artigo tem como objetivo apresentar a cartografia como uma ferramenta para mapear conexões e transformações nas pesquisas e nas vidas das/os pesquisadoras/es, tomando-a como filosofia de vida e ontologia. São apresentados dados parciais de três pesquisas em andamento, destacando como o grupo tem experimentado o método cartográfico como política da narratividade, na interface com os feminismos negros e as perspectivas pós-críticas. Os resultados evidenciam a potência da cartografia como um exercício ético, estético e político, que desestabiliza a neutralidade científica e propõe modos de pesquisa implicados com a vida, os afetos e os territórios.

Palavras-chave: Cartografia. Pós-crítica. DIFEBA. Feminismos Negros. Pesquisa em Educação.

1- Linhas e fios Iniciais

O grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA/UNEB) vem desenvolvendo, em diversas de suas investigações, abordagens metodológicas que incorporam a cartografia como método de pesquisa. Inspiradas e inspirados pelos conceitos filosóficos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, especialmente na obra *Mil Platôs*



(1996), as pesquisadoras e pesquisadores do referido grupo, se apropriam da cartografia não apenas como um método, mas como um modo de acompanhar os processos, fluxos e movimentos de produção da subjetividade, dos desejos e das forças sociais. Adotam a cartografia como filosofia de vida, como uma ontologia, que mobiliza a força criativa que há em nós. A perspectiva pós-crítica e a cartografia, inspiradas em pensadores como Deleuze e Guattari(1996), oferecem uma abordagem que desafia as noções tradicionais de crítica e representação.

Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é apresentar a cartografia como um dispositivo, para mapear fluxos, conexões e transformações, em nossas pesquisas e nossas vidas, advogando que a realidade não é fixa, e sim uma multiplicidade. Para Ana Lúcia Gomes e Lais Abreu (2024, p.55) a cartografia é: Numa outra perspectiva, a cartografia é como a arte de fazer rizomas, mapas de nós mesmos, como tipo as entradas e saídas, nada linear e estático.

Em oposição aos modelos representacionais tradicionais, que buscam fixar a realidade em estruturas estáticas e estéreis, a cartografia deleuze-guattariana propõe um método aberto, processual, intensivo e expansivo, que nos orienta para o acompanhamento da vida real em sua multiplicidade, mutabilidade, impermanência e devir. Trata-se de um caminho metodológico que entende o conhecimento como produção situada, referenciada na multiplicidade, sempre em diálogos com o território e com os afetos que o atravessam. Pesquisar nas tessituras da cartografia implica, portanto, em movimentos transversais de experimentação, de observação e sobretudo de construção de posicionalidades moventes, “linhas de fuga” Deleuze e Guattari, que nos transformam junto com o outro.

Ao longo de suas pesquisas, o grupo DIFEBA tem se aproximado dos estudos e contribuições de outros/as autores/as que dialogam com essa perspectiva, como Suely Rolnik, Virginia Kastrup, Sandra Corazza. Realiza ainda como chave de leitura da realidade, a intersecção com os feminismos negros, inspirados/as em Angela Davis, Sueli Carneiro, Carla Akotirene, Bell Hooks, Lélia Gonzalez, Nilma Lino, Audre Lorde, Cláudia Pons Cardoso, Patrícia Hill Collins e tantas outras intelectuais negras que dialogam com nossas pesquisas.

O próprio grupo vem tornando-se referência nas rasuras conceituais, com importantes obras autorais, livros, dossiês, coletâneas, e publicações que são frutos do trabalho de pesquisadoras e pesquisadores que tomam e assumem formas outras de pesquisar com a vida, entendendo a cartografia como um modo de fazer pesquisa que articula teoria e prática, in(ter)venção, análise e criação, sendo um trilhar potente e profícuo para as pesquisas em educação, como desenvolver capacidades de produzir verdades em fluxos, cuja confiança é



tecida no território Difebiano. Desafia narrativas dominantes e busca vozes e perspectivas marginais ou silenciadas.

Neste artigo os/as autores apresentarão de modo geral, dados parciais de pesquisas em andamento, dando ênfase a como estão experimentando e experienciando o método, como política da narratividade, nas emergências dos movimentos, nos encontros do Grupo de Estudo do Método cartográfico em Educação - Gemec/Difeba. A organização do texto parte de duas pistas que se transversalizam: A primeira apresenta os percursos formativos que são tecidos nas reuniões, organização, eventos, e grupos de estudo que são produzidos no cotidiano do DIFEBA, a segunda traz as pistas que emergem dos encontros com o campo, com os/as participantes e suas experiências, e como desses encontros surgem A[FÉ]jetos, Abecedários, Dilemas Pedagógicos, Ateliê de Pesquisa, Cartografias dos afetos, Corpo[S]grafias, Cart[A]grafias, Metamorfose e fabulações nas professoralidades atravessadas pela parentalidade na deficiência, a fim de confabular rasuras. Dentre vários conceitos em construção nas pesquisas de pesquisadores que constituem o acontecer difebiano.

Na conclusão retomamos como os percursos inventivos se apresentam como um convite à pesquisa comprometida com a criação e com a transformação dos modos de conhecer e de existir. Nossa produção ética e o rigor são constitutivos da pesquisa desde o início, conforme explicita Dante Galeffi (2009) ao destacar que a atitude existencial e epistemológica do/da pesquisador/a se produz em seu contexto de vida, segundo seus diversos níveis de implicação, de constituição e de realidade.

2- DIFEBA e suas multiplicidades: A cartografia como método e modo de existir no acontecer do grupo.

Realizar uma cartografia requer movimentos transversais feitos de experimentações, observações e construções de posicionalidades moventes, de linhas de fuga e inflexões que nos transformam junto com o outro. A perspectiva pós-crítica que envolve o grupo visa, pois, fortalecer a cartografia como um exercício ético-estético-político, assumindo que pesquisar é também intervir, criar e se deixar afetar, não é um território neutro. Nessa articulação produzimos e somos produzidos, tecendo as experiências de pesquisas, vivas e fluidas que dobram e nos dobram porque nos interrogam e modificam, fazendo brechas, operando em nossos corpos a pesquisa. Diante do exposto, a pesquisa produz em nós encontros com os territórios físicos, sentimentais, psíquicos e afetivos. Pesquisa que produz deslocamentos, em



mim, no outro e com o outro, que é autoconhecimento e auto formação, compromisso ético e estético, assumidos com a cartografia, porque também somos a pesquisa.

Desobedecer métricas de uma ciência produtivista, cartesiana, fria e descolada da vida, da terra e do mundo. Advogamos no coletivo do DIFEBA, entre pares, outros modos de realizar pesquisa, ensino e extensão, em educação, fazendo parente com a vida e o autoconhecimento de si. Pesquisa encarnada e não desencarnada, asséptica, inodora, incolor, mas sim, posicionada, colada com a vida e seus afetos alegres e tristes, em confiança, fiando com o outro. Como bem explicitam Tiago Ribeiro e Adrianne Ogêda Guedes (2019, p.18):

Pesquisar a experiência educativa é também um exercício de alteridade, na alteridade! Requer coerência, responsividade, compromisso! Um compromisso ético e político com existências negadas, com vozes silenciadas, com histórias invisibilizadas. Por isso a importância de metodologias minúsculas, as quais possam captar as poéticas dos cotidianos, as vitalidades das histórias de vida, as riquezas das experiências vividas.

As pesquisas que se fazem pela diferença são atravessadas por epistemologias outras, que se fecundam na intervenção na realidade, a partir de um modo de produzir ciência “com” e não apenas ciência “para”. Trata-se de um fazer científico que recusa respostas únicas e verdades totalizantes, abrindo espaço para a multiplicidade de vozes, saberes e experiências. É para/com essa produção de uma “ciência menor”, não universalizante que o grupo de pesquisa DIFEBA se movimenta e toda sua potência. hoje somos sessenta e três pesquisadores formalmente cadastrados na plataforma CAPES CNPQ, o grupo desde sua concepção, é liderado pelas professoras doutoras Ana Lúcia Gomes da Silva e Juliana Cristina Salvadori.

Nessa direção, a organização do grupo DIFEBA é pensada de modo a potencializar os efeitos da multiplicidade, em produções que emergem dessa perspectiva de uma ciência menor, uma ciência que se faz nas brechas, nos encontros, nas experimentações, e que não se reduz aos cânones instituídos do fazer acadêmico. Um dos principais canais de difusão desse borbulhar de ideias, propostas e discussões, que nasce da nossa vontade coletiva de caminhar pela produção de epistemologias outras, são os grupos de *WhatsApp*.

Estes grupos funcionam como espaços de compartilhamento e expansão, afeto e pensamento em movimento. As difebianas e difebianos mantêm um grupo geral onde todes participam, bem como grupos específicos para resolução de demandas organizacionais, como secretaria e orientação coletiva¹. Outro dispositivo amplamente utilizado é o repositório *Google*

¹Orientação coletiva é um conceito desenvolvido pelas líderes Ana e Juliana para que os textos sejam lidos e os



Drive, que permite o compartilhamento e a coautoria de materiais produzidos individual e coletivamente, fortalecendo a construção “rizomática” do conhecimento e o caráter colaborativo das ações do grupo, bem como as entradas coletivas nos textos das pesquisas em andamento. Além disso o grupo se movimenta ativamente nas redes sociais para difusão das discussões, eventos, movimentos formativos e sobretudo das pesquisas.

Partindo do conceito de “Rizoma”, tentamos rasurar as lógicas hierárquicas. As reuniões do grupo são semanais, divididas em reunião geral, orientação coletiva e grupos de estudos, guiadas por um cronograma prévio construído coletivamente. Contamos com estudantes de várias segmentos formacionais: pós-doutorandos, graduandos, mestrandos, doutorandos, líderes do grupo, professoras e professores orientadores, docentes da educação básica, egressos mestres e doutores, todes “juntos e misturados²” tendo tempos e espaços de fala, de atuação, e sobretudo de intervenção na tecitura das pesquisas uns dos outros, independente do nível de formação. Na prática, um estudante da graduação que faz parte do DIFEBA será convidado a abrir o texto, ler, comentar, propor e discutir a pesquisa de um pós-doutorando, e vice-versa, todes acessam as pesquisas de todes, compartilhando questionamentos, comentários, dicas de leituras outras, e principalmente experiências de campo.

Considerando as dinâmicas institucionais da universidade que, no Brasil, tem sido o principal espaço de produção e sustentação dos grupos de pesquisa, manter em movimento essas coletividades não é tarefa simples, tanto quando considerados as dinâmicas pessoais, os egos, a competitividade na qual as pessoas são historicamente formadas pelas lógicas capitalistas, até os atravessamentos estruturais e institucionais. Ser DIFEBA não é apenas crescimento; é também habitar as tensões que atravessam o nosso acontecer e se materializam em desafios cotidianos. É ser levado a ocupar-se para muito além da produção da sua pesquisa individual, é co responsabilizar-se com os outros modos de tecer pesquisa, e tal movimento é mobilizador, ao mesmo tempo que nos desafia a nos posicionar.

Esses desafios envolvem, de um lado, a necessidade de habilidade política e sensibilidade ética das lideranças, que se ocupam de arregimentar e movimentar as forças coletivas de maneira equânime; e, de outro, os atravessamentos estruturais que evidenciam a desvalorização da pesquisa no Brasil e a precarização do trabalho docente também no contexto das Universidades. Os escassos investimentos públicos tornam essa realidade ainda mais

pares possam dar contribuições, sugestões, fazer provocações em co horizontalidade, cuja transversalidade ramifica ideias e conceitos em rizoma.

²Frase criada por Ana Lúcia Gomes para engajar a caminhada coletiva do grupo.



evidente para grupos sediados em universidades estaduais, onde os recursos destinados à pesquisa pela CAPES/CNPQ não chegam de forma equânime aos programas de pós graduação, o que leva os grupos de pesquisa a frequentemente dependerem da força inventiva e da dedicação das pesquisadoras e pesquisadores, bem como uma enorme pressão na força de trabalho docente, recaindo muitas demandas sobre as líderes do grupo.

As instituições são territórios atravessados por forças instituintes e instituídas. Assim, o grupo de pesquisa se torna também um campo de “micropolíticas”, onde se disputam modos de existir e de produzir conhecimento. Como lembram Guattari e Rolnik (1986, p.139)

A análise micropolítica se situaria exatamente no cruzamento entre esses diferentes modos de apreensão de uma problemática. E claro que os modos não são apenas dois: sempre há uma multiplicidade, pois não existe uma subjetividade de um lado e, do outro, a realidade social material. Sempre haverá processos de subjetivação, que flutuam constantemente segundo os dados, segundo a composição dos agenciamentos, segundo os momentos que vão e vêm.

Nessa perspectiva, o DIFEBA se reconhece como um coletivo em multiplicidade, que traça micropolíticas de resistência, que tensiona o instituído, buscando criar espaços de experimentação e de resistência às lógicas burocráticas e produtivistas que tantas vezes atravessam o fazer acadêmico. Grande parte do que se desenvolve no grupo vem da força coletiva e da potência inventiva de seus integrantes e lideranças. Trata-se de um fazer que, como destacam Passos e Benevides (2019), aposta em processos de “coengendramento entre sujeitos, saberes e territórios, compreendendo a pesquisa como ato ético-estético-político”p.84. É nesse sentido que Ana Lúcia Gomes e Laís Abreu (2023, p.57) nos lembram que pesquisar na cartografia é também “habitar o entre”, o intervalo onde o pensamento se produz no encontro com o outro e com o mundo.

Lutamos, portanto, para não reproduzir relações predatórias ou hierarquizantes, cultivando modos de relação pautados na escuta, no cuidado e na coautoria. Contudo, reconhecemos que essas práticas não se dão sem fissuras: as infiltrações das lógicas competitivas e individualizantes ainda atravessam nosso cotidiano e exigem de nós um exercício constante de reinvenção, rearticulação e parcerias. É preciso uma constante posicionalidade autocrítica, na luta contra os machismos, contra as hierarquias estruturais dos espaços acadêmicos, contra as injustiças epistêmicas que apagam as produções de mulheres negras, contra o capacitismo, o etarismo, a homofobia e todas as formas de invisibilidade das diferenças.



O esforço coletivo se junta à Rede de Pesquisa da Profissão Docente - Reppod e diversos grupos de pesquisa da Uneb e outras universidades e buscam o fomento à pesquisa através de editais da própria Uneb e outras agências como Fapesp e Fapemig, e como resultado deste esforço coletivo em matilha, como nos ensina Deleuze, aprovamos recentemente os projetos de pesquisa nos editais, a saber: PRO-Uneb Diversa: Edital nº 067/2025 - *ACESSIBILIDADE E JUSTIÇA CURRICULAR NA PAUTA DA UNIVERSIDADE: (NEURO)DIVERGIR, PERMANECER, PARTICIPAR E PERTENCER*, tendo como proponentes: Ana Karine Loula Torres Rocha, Juliana Salvadori e Crizeide Freire. *Corpografias docente em contextos de diversidade*, proponentes: Ana Lúcia Gomes da Silva e Ione O. Jatobá Leal, com a co-autoria de Henrique do Ó Ponzi, que também compõe a equipe de formação com as proponentes e o estudante de graduação em pedagogia da UNEB/Irecê, Rafael de Miranda, juntamente com Jamile Rocha. A pesquisa **REDE COLABORATIVA PLURIDIVERSA: QUANDO UNIVERSIDADE E ESCOLA SE ENCONTRAM** - Aprovado no Edital 078/Uneb, teve como proponentes Ana Lúcia Gomes da Silva e Juliana C. Salvadori e um conjunto de grupos parceiros, tais como: Difeba/Desleitura/ Geec/ Gepeduc/ DIDPATRI / GEPEI/ UEFS/ UNEB/ DIVERSO, CONPEEJA, PPGE/UPE e a Rede de Pesquisa da Profissão Docente (Reppod).

O DIFEBA, nesse movimento, se afirma como um território de experimentação e criação coletiva, um espaço em que a pesquisa não se reduz à produção de resultados, mas se constitui como prática de vida e resistência, onde o pensamento se faz junto, fazer COM. Dessa forma, a cartografia é uma veia pulsante de nós e entre nós, pois é por dentro e desde dentro que acompanhamos nossos próprios processos, como grupo de pesquisa, na nossa autogestão e nos autoavaliando, traçando percursos, desviando caminhos, e produzindo in(ter)venções ético-estético-políticas que se inscrevem no cotidiano das pesquisas e da vida.

3- Pistas dos encontros com o campo: Conceitos em devir traçando rasuras epistêmicas.

É no campo que toda mobilização realizada no espaço do grupo, por meio das reuniões, das orientações coletivas e dos movimentos formativos, ganha materialidade. É ali que as pesquisadoras e os pesquisadores se colocam junto com as/os participantes de suas pesquisas, compartilhando o caminhar que constitui o fazer científico implicado e encarnado.

A partir dessas experiências-experimentos vão sendo traçados conceitos diversos, que emergem nas dobras e rasuras das pesquisas, de dentro para fora e de fora para dentro, num movimento constante de invenção. Dentre os conceitos que têm se mobilizado no interior do



grupo, podemos destacar, em primeiro plano, o conceito de “A(FÉ)to”, elaborado pela pesquisadora Deysiene Cruz em sua pesquisa de doutorado.

O conceito de “A(FÉ)to”, tal como forjado por Deysiene Cruz, surge na sua convivência intensa com o grupo DIFEBA, durante uma imersão formativa em seu projeto de doutorado. A pesquisadora buscava compreender as formas de atuação do grupo e as estratégias construídas coletivamente para aprofundar-se na pesquisa cartográfica como método e metodologia. Nesse percurso, também dialogou com o grupo de estudos GEMEC (Grupo de Estudos do Método Cartográfico), fortalecendo a tessitura conceitual de seu trabalho.

Foi nesse contexto que Deysiene, inspirada pela acolhida calorosa e afetiva que vivenciou no DIFEBA cunhou A(FÉ)to, uma criação conceitual nascida do encontro entre “afeto” e “fé”, ou, como ela própria define, uma junção entre amor e crença nas potências da espiritualidade e ancestralidade, uma confiança sensível que atravessa e sustenta o fazer cartográfico e contorna toda sua prática e ética de pesquisa, que não é protocolar é bioética e produzida nos consensos de metaestabilidade temporária, para tecer novas modulações e afetamentos. Estas reflexões se encontram ampliadas no artigo de Deysiane e Ana Lúcia, intitulado: Afetos (auto)cartográficos³ no número especial da Revista Diaphonía - Dossiê: Celebração do centenário de Gilles Deleuze.

Outra pesquisa que movimentou um conceito em rasuras e multiplicidade foi desenvolvida pelo artista, pesquisador, e Mestre Henrique do Ó Ponzi, o mesmo cunhou “Corpo(S)grafias” e no texto final apresentou o tema: Corpo(s)grafias: transcriando docências nômades na educação básica, defendida em abril de 2025. O conceito de Corpo(s)grafias surge no bojo da ausência do corpo enquanto elemento presente na formação docente. Para Henrique Ponzi (2025, p.8):

A pesquisa (re)conhece que o corpo-professor não é percebido pelos atuentes na pesquisa, como uma dimensão que nos faz a cada dia, nos cotidianos das aulas, nas artistagens docentes. Desse modo, seguindo as pistas, a corpos(S)grafia escreveu e cultivou os dados da pesquisa em todo o corpo do texto que vai se tecendo na própria corpo(S)grafia do pesquisador artista, que aciona seu corpo pesquisador para dar conta de acompanhar seus processos de formação, na relação, acionando camadas subjetivas e incorporadas de seu corpo-professor, quando busca narrar sua trajetória formativa, e em docência, ao assumir o papel de professor de arte numa escola da educação básica, na cidade de Jacobina-BA.

³Ver: SILVA, D. C.; SILVA, A. L. G. da. Afetos (auto)cartográficos. Revista DIAPHONÍA, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 222–238, 2025. DOI: 10.48075/rd.v11i3.36113. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/36113>. Acesso em: 7 out. 2025.



O pesquisador Henrique Ponzi (2025) esclarece no texto da sua dissertação a necessidade de cunhar o conceito a partir de “processos híbridos com inspiração nos princípios da cartografia”(p.48-49). O conceito de corpo(s)grafia pode ser compreendido nos estudos de Henrique Ponzi (2025), como uma maneira de registrar e dar forma às experiências vividas nos e pelos corpos docentes em seus territórios de atuação.

É uma grafia feita com o corpo e no corpo, uma escrita que não se limita ao texto, mas que acontece também nos gestos, nas expressões, nas criações artísticas, nas falas, nos silêncios e nos afetos. Quando o autor apresenta o dispositivo “corpo(s)grafar”, explica que o corpo não é apenas um “objeto da pesquisa”, mas um território vivo onde o pensamento se faz e se transforma. Cada movimento, cada sensação e cada relação vivida no campo é uma marcação, uma grafia que deixa traços. É um conceito que nasce do encontro entre corpo e cartografia, entendido como um processo de criação e escrita viva, tendo como fonte as experiências, não apenas com palavras, mas com a própria vida que pulsa.

No contexto das pesquisas em andamento no grupo DIFEBÁ, emerge e se fortalece o conceito de Cart(a)grafias, uma tecitura que se inspira nas cartas pedagógicas freireanas e se entrelaça às experimentações da cartografia como método de pesquisa. A ideia de Cart(a)grafias não nasce de um ponto fixo, mas de um movimento coletivo, de afetações e encontros entre pesquisadoras que se reconhecem na escrita como prática de resistência, de criação e de partilha, como bem nos inspira Glória Alzandúa (2000):

Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranquilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos. Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências. (p.75)

Esse conceito tem suas primeiras linhas desenhadas a partir do trabalho de conclusão de curso de Rozânia, pesquisadora do grupo DIFEBÁ, cujo percurso inaugurou um modo sensível de pensar e escrever as experiências de pesquisa como cartas pedagógicas narrativas. A partir dessa inspiração, nas discussões e partilhas do grupo, fomos tecendo, em processos híbridos e rizomáticos, novas possibilidades de escrita e de pensamento, gestando em nossos corpos, ventres, pensamentos em devir, o que hoje nomeamos conceitualmente Cart(a)grafias. Um conceito que se abre, se desloca e se reinventa a cada escrita, a cada corpo que nele se inscreve. As Cart(a)grafias vêm sendo cunhadas irmanamente por duas pesquisadoras do grupo em seus percursos acadêmicos atuais: Daniela Lopes, na constituição de sua tese de doutorado, e Maria Clara Fortes, na produção de sua dissertação de mestrado. Ambas têm traçado, com delicadeza



e rigor, as linhas e contornos desse conceito, que ultrapassa os limites individuais da pesquisa, tornando-se um campo de invenção compartilhada, encarnada e irmanada.

Assim, a Cart(a)grafia surge como um modo de pesquisar e escrever onde há espaço para o desejo e os afetos, como uma rasura no modo austero da escrita acadêmica tradicional, um exercício de escuta e de presença que acolhe o sensível, o imprevisível e o político na experiência da pesquisa. É a celebração do encontro entre carta e cartografia, de forma sinuosa como nas curvas de um rio como nos ensina Nego Bispo: “um rio não deixa de ser rio quando ele conflui com outro rio. Ele continua em sua essência. Essa é a grandeza da confluência”. A escrita deixa de ser mero registro para tornar-se ato de criação, território de afeto e movimento de produção de si e do mundo, em “confluências”.

4- Considerações moventes

As experiências de pesquisa do grupo DIFEBa, sobretudo através da pesquisa cartográfica, têm evidenciado que pesquisar é intervir, criar e se deixar afetar. Trata-se de um processo ético, estético e político, no qual o conhecimento é produzido em diálogo com a vida e com os afetos. O grupo deseja tensionar as formas convencionais de ciência, prezando por uma ciência interseccionada, relevante para a diferença, na produção de pesquisa implicada, afetiva, processual e rizomática. A cartografia, nesse contexto, opera como método e metodologia de autoconhecimento, de autoformação e de produção coletiva de saberes. É um modo de desobedecer às métricas da ciência produtivista, abrindo espaço para um fazer científico vivo, colado à vida e às suas intensidades, advindo das rasuras conceituais que ousamos tecer.

Não romantizamos os nossos desafios, eles existem e são muitos, desde arregimentar a força coletiva nos espaços acadêmicos, até a troca de forças com o instituído que insiste em desvalorizar o fazer científico e em precarizar a atuação docente na pesquisa. Estar sendo DIFEBa não é um exercício fácil, mas nos inspiramos cotidianamente e o tomamos como um exercício necessário, nos exige a constituição constante de micropolíticas que ultrapassem o campo retórico e que sejam vida em pesquisa e pesquisa em vida, em processo de retroalimentação. A invenção pulsante também é uma atitude epistemológica imprescindível para que o grupo se mantenha unido em trajetividades de inovação, bem como a difusão das nossas produções em espaços diversos.

Referências



ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Tradução de Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

DELEUZE Gilles, Felix GUATTARI. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. ; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol.1. Rio de janeiro: Ed. 34, 1996 94 p. (Coleção TRANS)

GALEFFI, Dante. **O rigor nas pesquisas qualitativas**: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei. Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa : educação e ciências humanas /Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel ; prefácio Remi Hess. - Salvador : EDUFBA, 2009. 174 p. : il.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; ABREU, Laís Oliveira Cartografia. In: **Abecedário pedagógico sobre rasura**: educação em diversidade/ SILVA Ana Lúcia Gomes da, SALVADORI Juliana Cristina, FERRAZ Obdália Santana (orgs.). Salvador-Ba. Jornal Editora Alecrim, 2023.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina Benevides de Barros. Cartografia: um método para as pesquisas-intervenção. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2019.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. Dilemas pedagógicos: um spoiler. Salvador: PPGED/UNEB, 2023. [mimeo- produção para o componente Docência e Diversidade 2024.1].

SILVA, D. C.; SILVA, A. L. G. da. Afetos (auto)cartográficos. **Revista DIAPHONÍA**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 222–238, 2025. DOI: 10.48075/rd.v11i3.36113. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/36113>. Acesso em: 23 out. 2025.